

A large, stylized number '9' is the central graphic element. It is composed of a white '9' shape with a grey oval cutout in the upper loop. The background is white, and the number is partially overlaid by a grey vertical bar on the right side.

DOSSIÊ

CONSTRUÇÕES DE SENTIDO

Louvando o acontecimento¹

Claude Zilberberg

Resumo: O artigo investiga a interdependência existente entre o discurso e o acontecimento. A repercussão do acontecimento decorre do fato dele sincretizar três modos semióticos distintos: 1. o modo de eficiência, que articula o sobrevir e o conseguir; 2. o modo de existência, que articula a focalização projetiva e a apreensão retrospectiva; 3. e o modo de junção, que articula a concessão e a implicação. Considerando previamente esses dados, o acontecimento recebe a seguinte definição-análise: acontecimento = sobrevir + apreensão + concessão. O termo correlato plausível do acontecimento, o exercício, recebe uma definição-análise simétrica e inversa à precedente: exercício = conseguir + focalização + implicação. Se o acontecimento é o cerne do discurso, sem dúvida, isso se deve ao fato dele selecionar, para cada modo, o termo marcado.

Palavras-chave: modo; sobrevir; conseguir; concessão; implicação

Abstract: *Extolling the event* – This article investigates the interdependence between discourse and event. The repercussion of the event lies in the fact that it syncretizes three different semiotic modes: (i) efficiency, which links occurrence and achievement; (ii) existence, which connects projective intent and retrospective apprehension; (iii) and junction, which correlates concession and implication. Considering these correlations, the analysis of the event leads to the definition of event = occurrence + apprehension + concession. The plausible correlated term for event, exercise, is analyzed and defined symmetrically and inversely to the former one, i.e., exercise = achievement + intent + implication. If the event is the core of the discourse, this is undoubtedly due to the fact that it selects a marked term for each mode.

Keywords: mode; occurrence; achievement; concession; implication

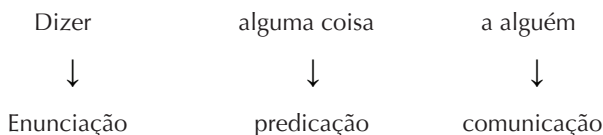
¹ Tradução de Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz, professora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em estágio pós-doutoral na área de Ciências Sociais Aplicadas como bolsista da Capes em Paris, França (2005-6).

Cada coisa que vês é um acontecimento e cada idéia, um acontecimento, e tu mesmo que te percebes por acontecimentos (e tu és um nesse instante) és também capacidade de acontecimentos — que ela mesma também é.

(Paul Valéry)

Partilha da veridicção

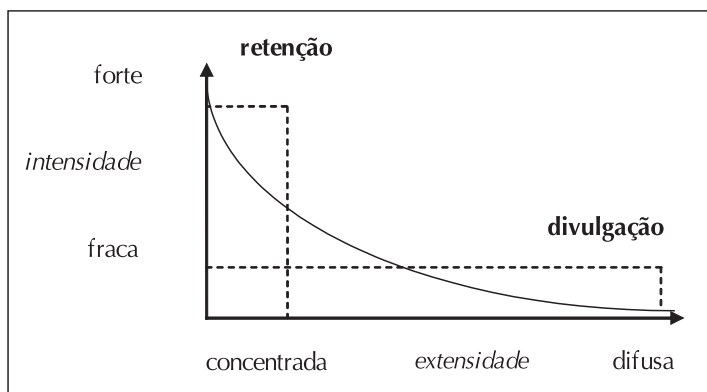
A problemática da veridicção, tal como ressalta da apresentação que lhe é feita no *Dicionário de Semiótica 1*, retomando uma expressão de Hjelmslev, é a de um “resultado definitivo” (1966, p. 27), mas suscetível de ser pensado sob um “ponto de vista novo”. Se considerarmos a estrutura mínima do dizer — dizer é dizer alguma coisa a alguém —, os momentos de tal estrutura recebem denominações cômodas:



As modalidades veridictórias privilegiaram a comunicação em detrimento da predicação, conforme demonstra a escolha dos termos tomados para qualificar as *déixis*: “segredo” e “mentira”. Gostaríamos de nos deter um pouco na grandeza “alguma coisa”, examinando-a sob o ponto de vista do valor. O que merece, o que vale a pena ser dito — seja esse dizer endereçado a outrem ou a si mesmo? Que “que” é esse? Quem, no âmago dessa “alguma coisa”, convoca, de forma irresistível, o dizer, o fazer-saber? Em virtude de que condições sou levado a pensar enfim que alguém me será grato por lhe comunicar essa “alguma coisa” em troca do *quantum* de atenção que ele me concede?

Vê-se que estamos engajados em uma direção totalmente contrária àquela que sustenta as modalidades veridictórias. Estas são moldadas na retórica da *retenção*, na qual a preservação do segredo pelo recurso da mentira é a regra, enquanto nossa problemática é exatamente inversa, pois atende à retórica da *divulgação*. Considerando que “divulgar” é definido no dicionário como “levar ao conhecimento do público”, somos reconduzidos em direção à estrutura tensiva canônica, que vê no conteúdo a interseção da intensidade e da extensidade. No caso da semiótica da retenção, a conservação da intensidade, aqui a do segredo, exige sua concentração na medida em que sua divulgação é considerada dispersão e desperdício. Nesse caso, a divulgação é negadora:

² Simplificamos a problemática que, para o enunciatário, consiste em uma negociação acirrada entre as satisfações que sua curiosidade recebe e os esforços de atenção cada vez mais custosos aos quais ele se presta.



Caso a pertinência ou a *acentuação*, conceito similar, passe da intensidade para a extensidade, ou seja, se a divulgação tornar-se “boa”, teremos a inversão do valor, pois a divulgação de um conteúdo precioso é significativa e experimentada como *partilha* altruísta, empatia, ao passo que o confisco do segredo, nesse caso, é repreendido e reprovado segundo a seguinte estrutura:

<i>determinados</i> → <i>determinantes</i> ↓	retenção ↓	divulgação ↓
intensidade →	indivisibilidade tendencial	divisibilidade
extensidade →	peçoal	pública

Assim, projetando a estrutura tensiva sobre a estrutura elementar do dizer, acedemos aos estilos³ enunciativos da retenção e da divulgação. Para o estilo *retensivo* é a intensidade que é pertinente, exatamente pelo fato de evitar sua decadência, ao passo que, para o estilo da *divulgação*, é a extensidade, cuja ampliação é favorecida no atual momento pela instantaneidade e pela gratuidade da informação, que detém a “acentuação de sentido”.

Do acontecimento ao modo

Gostariamos agora, ao lado do conceito de *modalidade*, que já demonstrou sua eficiência, não introduzir, mas estender a noção de *modo*, termo corrente tanto na lingüística quanto na semiótica. Na lingüística, com os modos do verbo; e na semiótica, com a

³ Aderimos à definição de estilo proposta por Merleau-Ponty em *La prose du monde*: “o estilo é o que torna possível toda significação” (1999, p. 81), mas permitimo-nos completar a tese desse autor com os ensinamentos de Wölfflin: os estilos andam aos pares, no mínimo.

problemática dos modos de existência inaugurada por Saussure e ampliada por Greimas. A definição de “modo de...”, no dicionário escolar francês *Micro-Robert*, como “forma particular sob a qual se apresenta um fato, se completa uma ação”, reúne ou confunde os dois aspectos. Logo, trata-se de responder a questão: do ponto de vista semiótico, de que um fato é feito?

Antes de iniciar a análise, cabe sublinhar que o fato tem por correlato intenso o *acontecimento*, o que equivale dizer: o fato é o resultado do enfraquecimento das valências paroxísticas de andamento⁴ e de tonicidade que são as marcas do acontecimento. Em outras palavras, o acontecimento é o correlato hiperbólico do fato, do mesmo modo que o fato se inscreve como diminutivo do acontecimento. Este último é raro, tão raro quanto importante, pois aquele que afirma sua importância eminente do ponto de vista intensivo afirma, de forma tácita ou explícita, sua unicidade do ponto de vista extensivo, ao passo que o fato é numeroso. É como se a transição, ou seja, o “caminho” que liga o fato ao acontecimento, se apresentasse como uma divisão da carga tímica (no fato) que, no acontecimento, está concentrada. Para medir a dependência de nossos discursos em relação aos acontecimentos e fatos, basta imaginar, entrever, por um instante, a desolação, o tédio completo em que o mundo mergulharia se os acontecimentos e os fatos desertassem. Pascal e Baudelaire são insuperáveis nesse ponto. No momento em que a astrofísica se centraliza novamente na história do cosmos e no acontecimento que o fundamenta, agora em que, todas as isotopias confundidas, a novidade torna-se o valor para servir e desservir⁵, seria incompreensível que a semiótica continuasse a agir como se o acontecimento não existisse.

Introduzimos o conceito de modo com o objetivo e a esperança de deslindar o quanto for possível, de resolver esse sincretismo existencial, esse precipitado de sentido que constitui, tanto coletiva quanto individualmente, o acontecimento. Salvo melhor juízo⁶, distinguimos três espécies de modos: de eficiência; de existência; e os de junção, dos quais será preciso apresentar ao menos um esboço.

⁴ [N. da T.] *Tempo* em francês. É um termo italiano emprestado da música. Foi traduzido em *Tensão e significação* (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001) por *tempo*. Entretanto, durante o curso do professor Claude Zilberberg, “Tópicos de semiótica tensiva”, oferecido pelo Programa de Pós-graduação da FFLCH/USP, em 2003, o professor Ivã Carlos Lopes, responsável pela tradução simultânea, passou a utilizar “andamento”, termo musical que traduz *tempo*.

⁵ [N. da T.] Preferimos manter o paralelismo da expressão “à servir et à desservir”, lembrando que “desservir”, em francês, significa “assegurar o serviço”, “ocupar-se bem”, sentido que se aproxima da idéia de “ritual”.

⁶ [N. da T.] A expressão “*sous bénéfice d’inventaire*” (sob benefício de inventário) foi traduzida por “salvo melhor juízo”, como em geral é traduzida, considerando sua significação mais usual em francês. Entretanto, gostaríamos de assinalar que se trata de expressão pertencente ao discurso jurídico, utilizada tanto em francês quanto em português para questões relativas à herança e à partilha de bens. Como foi empregada mais uma vez no último parágrafo deste texto e por encontramos termos como “partilha” e seus derivados em vários momentos, gostaríamos de acusar a isotopia jurídica aqui presente a fim de manter fidelidade ao texto original.

Os modos de eficiência

O conteúdo e a denominação foram emprestados da obra de Cassirer e, mais especificamente, da problemática — central em seu espírito — do “fenômeno de expressão”. No terceiro tomo de *La philosophie des formes symboliques*, lemos: “Pois, toda realidade efetiva que apreendemos é menos, em sua forma primitiva, a de um mundo preciso de coisas erigido diante de nós, do que a certeza de uma viva *eficiência* experimentada por nós” (CASSIRER, 1988, p. 90). Se levarmos a sério essa abordagem, isto é, se a recebermos como diretriz e “poiética”⁷ para a compreensão do pensamento mítico, ela nos leva a recusar a tentação algebrista preconizada, por razões distintas, por Saussure⁸ e Hjelmslev⁹. Em relação à terminologia, admitimos *grosso modo* que o “fenômeno de expressão” de Cassirer e a “substância do conteúdo” de Hjelmslev tratam das mesmas grandezas, ou seja, aquelas que comumente se referem à afetividade. Ainda que esses dois mestres não se tenham conhecido um ao outro, salvo erro ou ignorância de nossa parte, um e outro abordaram a mesma questão, a da primazia em observar a forma e a substância. Nesse aspecto, Hjelmslev acompanha Saussure quando afirma: “Dito de outro modo, a língua é uma forma e não uma substância” (1996, p. 141). No que diz respeito ao plano do conteúdo, a afetividade é então expulsa, depois reintroduzida, mas é Cassirer quem contesta de forma precisa a legitimidade desse duplo gesto ao afirmar:

Uma determinada teoria psicológica desconhece os fenômenos puros de expressão quando os faz nascer de um ato secundário de interpretação, definindo-os como produtos da “empatia”. A deficiência capital de tal teoria e seu prôton pseudos consiste em inverter a ordem dos dados fenomenais. Ela deve, previamente, tirar a vida da percepção, convertê-la em um complexo de simples conteúdos da impressão sensível para, em seguida, reanimar esse “material” morto da sensação, graças ao ato de penetração afetiva. Mas a vida que lhe cabe assim compartilhada continua sendo, em última análise, obra da ilusão psicológica. (CASSIRER, 1988, p. 89)

Por essa mesma razão, definimos a tensividade como uma “determinação”, na qual a intensidade subjetal é a constante e a extensividade, variável.

Com o termo “eficiência”, Cassirer designa a asserção, pelo sujeito, de uma afeição.¹⁰ A fim de dispor de uma metalinguagem operatória e adequada, admitamos que o modo de

⁷ “A poiética refere-se ao conjunto de estudos que versam sobre a instauração da obra, notadamente da obra de arte”, citação de resumo confiável na internet: <http://www.utp.br/proppe/relpesquisaslinhas.asp?linha=132>.

⁸ Segundo Saussure, “A língua é, por assim dizer, uma álgebra que teria somente termos complexos” (1996, p. 141).

⁹ Segundo Hjelmslev, “Portanto, não se deve esperar desse procedimento dedutivo nem uma semântica, nem uma fonética, mas, tanto para a expressão da língua quanto para seu conteúdo, uma ‘álgebra lingüística’ que constitui a base formal para uma ordenação das deduções de substância não lingüística” (2003, p. 103).

¹⁰ O TLF (*Trésor de la Langue Française*) lembra que o termo *affection* pertencia, no século 19, ao vocabulário da geometria e designava a “modificação, propriedade de uma linha, de uma figura, a *affection* de uma curva. [N. da T.] Para o termo “afeição”, o dicionário Houaiss acusa o sentido de “inclinação” e “pendor”. O Aurélio, além desses termos, aponta “tendência”, “declive ou aclave”.

eficiência designe a maneira pela qual uma grandeza se instala num campo de presença. Se esse processo for efetuado a pedido, segundo o desejo do sujeito, nesse caso teremos a modalidade do *conseguir*¹¹. Se a grandeza se instala sem nenhuma espera, denegando *ex abrupto* as antecipações da razão, os cálculos minuciosos do sujeito, teremos a modalidade do *sobrevir*. Do ponto de vista paradigmático, o modo de eficiência é estruturado pela distinção do conseguir e do sobrevir.

Essa introdução sumária exige quatro observações:

1. a pregnância do sobrevir, sem dúvida, é tão antiga quanto o mundo, já que a filosofia reconheceu e reconhece no espanto, no *thaumazein*¹² dos gregos, o centro de nossos afetos e de nossos pensamentos. Essa preeminência foi sustentada por Descartes em sua análise inalterável da admiração:

Assim que o primeiro encontro de algum objeto nos surpreende e que o julgamos novo e muito diferente do que conhecíamos até então ou do que supúnhamos que deveria ser, esse fato nos faz admirá-lo e ficamos espantados. Como isso pode nos acontecer antes que saibamos se esse objeto nos é conveniente ou se não o é, parece-me que a Admiração é a primeira de todas as paixões. (DESCARTES, 1991, pp. 108-9)

2. Sustentando que essa pregnância sobrevinda é tão antiga quanto o mundo, pretendemos assinalar que, num grande número de sociedades, o divino é inseparável de um aparecimento e de uma epifania.

Conta-se, em especial, que a expressão manitou é empregada sempre que a representação e a imaginação são excitadas por alguma coisa de novo, de extraordinário. Se durante a pesca, alguém pegar uma espécie de peixe ainda desconhecida, esse fato faz surgir, imediatamente, a expressão manitou. (CASSIRER, 1986, p. 104)

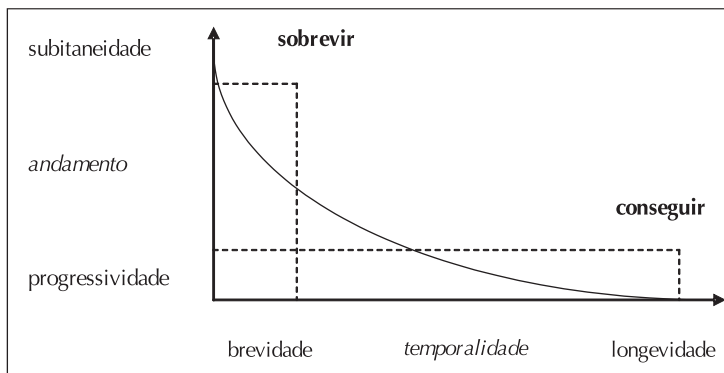
A modalidade do sobrevir teria, portanto, uma ligação com a exclamação, que consideramos o pivô da estrutura frásica, mas é talvez ainda um exagero. Segundo Cassirer, a pertinência deve ser atribuída não à exclamação, mas conferida à interjeição: “As expressões *wakan* e *wakanda* para os Sioux parecem também remontar etimologicamente a interjeições que traduzem o espanto” (Idem). O acontecimento é, portanto, essa grandeza estranha, por assim dizer, extraparadigmática, ou melhor, essa grandeza se manifesta a princípio no plano sintagmático por uma antecipação e, desse mesmo fato, espera sua identidade paradigmática. A fórmula do acontecimento comporia assim uma antecipação

¹¹ [N. da T.] O termo em francês é *parvenir*, que significa aceder, chegar a, alcançar, atingir, deslocando-se no espaço. Mantemos a tradução em português acusada em *Tensão e significação* (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001).

¹² [N. da T.] O termo designa o Coro que, nas tragédias gregas, tinha a função de provocar no público o aumento da emoção.

sintagmática e um retardamento paradigmático. O acontecimento rompe o ajuste sintomático comum do sintagmático e do paradigmático.

3. Do ponto de vista figural, o sobrevir e o conseguir são regimes de valências regidos pelo andamento:



A princípio, as grandezas admitidas são quantitativas, mas aderimos à hipótese segundo a qual as diferenças qualitativas regem as diferenças quantitativas, recorrendo a dois argumentos: o primeiro estipula que a gradualidade, pela qual Saussure, ao que parece, tinha grande estima¹³, permanece fora de alcance se as grandezas não são colocadas mentalmente como *divisíveis*; em segundo lugar, sem essa mesma divisibilidade, a sintaxe estaria condenada ao “tudo ou nada”, condenada a desconhecer as virtudes da nuance e da lentidão, antigamente consideradas superiores. Para a semiótica greimasiana, essa carência figural foi assumida pela aspectualidade, isto é, um dado figurativo. Se voltarmos ao nosso diagrama, as duas tensões admitidas [subitaneidade vs progressividade] e [brevidade vs longevidade] se ajustam uma a outra por aumentos e diminuições correlatas. Mas, sejam quais forem seus méritos, o diagrama deixa escapar um dado semiótico capital, a *característica*. Sendo um diagrama nada mais do que a projeção de uma análise e sua resultante, ou seja, a associação de pelo menos *duas* definições, partiremos de nossa análise para, depois, esforçarmo-nos em generalizá-la.

Nos *Cahiers*, Valéry, atormentado pelos segredos do tempo, observa: “O tempo longo se faz sentir *durante*./ O tempo curto só se faz sentir *depois*” (1973, p. 1329). A distensão paradigmática ou morfológica [longo vs breve] toma um sentido imperfeito, se ela não compreender também uma marca sintagmática [simultaneidade vs posterioridade]. A leitura dos *Cahiers* mostra bem que para a primeira frase, Valéry considera um processo cujo sujeito é agente, ao passo que, para a segunda, ele se refere à surpresa, de forma que a extensão temporal é a do *agir* e da paciência, que o agir racional supõe, e a brevidade, a do *sofrer*, que o inesperado, precipitadamente, impõe ao sujeito. Entendemos por ca-

¹³ “Diferença, termo incômodo, porque isso admite graus” (fragment 19), citado por H. Parret (1995-6, p. 46).

racterística a junção, a convivência singular do paradigmático e do sintagmático. Portanto, a característica em si está na interseção da morfologia e da sintaxe; uma preocupação permanente na reflexão hjelmsleviana:

O sintagmático e o paradigmático condicionam-se constantemente. [...] somos obrigados a introduzir as considerações nitidamente “sintáticas” na “morfologia” — ali introduzindo, por exemplo, as categorias da preposição e da conjunção, cuja única razão de ser está no sintagmático — e de inserir na “sintaxe” fatos plenamente “morfológicos” — reservam, inevitavelmente, à “sintaxe” a definição de quase todas as formas que se supõe ter reconhecido na “morfologia”. (HJELMSLEV, 1971, p. 153)

4. Enfim, em nossa última observação para analisar a complexidade que os discursos nos propõem, devemos introduzir uma distinção suplementar entre modos de eficiência *diretores* e modos *secundários* ou associados. O sobrevir e o conseguir se inscrevem agora como modos diretores. O conseguir está associado a dois modos secundários: a) o *prover*, o qual, depois da virtualização de seu clasema, substitui o conseguir quando o sujeito operador não atinge o resultado que ele estabeleceu. O *provir* toma o lugar do conseguir quando o processo tem por agente suposto um sujeito não humano. Uma das dimensões da reflexão de Espinosa concerne justamente à mutação-comutação do conseguir antropomorfo em provir: “Essa liberdade humana é tal que todos se orgulham de possuir, o que equivale a dizer simplesmente que os homens têm consciência de seus apetites e ignoram as causas que os determinam” (ESPINOZA, 1955, pp. 303-4). O paradigma próprio a esse modo de eficiência está na dependência das vicissitudes paradigmáticas e sintagmáticas, afetando a identidade e a eficácia do sujeito operador; b) por sua vez, o sobrevir se apresenta na maioria das vezes como a negação do *prevenir* em sua acepção genérica: “Impedir por suas precauções (um mal, um abuso). Absoluto: *Mais vale prevenir do que remediar*”. Em *La dialectique de la durée*, Bachelard define o sujeito nesses termos: “A consciência pura nos parecerá como um poder de espera e de espreita” (1993, p. VI), mas o espetáculo do mundo mostra que se essa definição é motivada, é porque o sujeito, e sem dúvida o vivente em geral, é esse ser que pode sempre ser surpreendido, ser pego desprevenido, e que, se procurarmos o objeto necessário dos verbos “esperar” e “espreitar” empregados por Bachelard, não encontraremos senão o *inesperado*, a ponto de o próprio Greimas ter intitulado, como por deferência para com a gravidade do sobrevir, o último capítulo de *Da imperfeição*: a espera do inesperado (2002, pp. 83-90). Enfim, a complementaridade antagonista do conseguir e do sobrevir assemelha-se, segundo uma medida que continua bem difícil de medir, ao princípio dos grandes estilos estéticos, pois o estilo clássico, na descrição de Wölfflin, está do lado do conseguir, ao passo que o estilo barroco, centralizado sobre o aparecer e a aceleração, toma a forma do sobrevir. A esse respeito, a arte moderna deu largamente razão a Baudelaire quando este anunciava, no texto intitulado *Exposição*

universal de 1855, a chegada do “Bizarro”: “O belo é sempre bizarro¹⁴. [...] Digo que ele contém sempre um pouco de bizzarria, de bizzarria ingênua, não desejada, inconsciente, e que é essa bizzarria que o faz ser particularmente Belo. É sua marca, sua característica” (BAUDELAIRE, 1954, p. 691). Sob essas condições, se cada arte é, a partir das coações e dos recursos do plano da expressão que ela encerra, uma “deformação coerente”, a totalidade virtual das artes — das quais as obras de E. Faure e de A. Malraux dão uma idéia — constitui uma mimese, do mesmo modo como a totalidade das línguas, por si mesmas “subjetivas”, constituía para Humboldt nossa objetividade.

Os modos de existência

Seremos mais breves em relação aos modos de existência, na medida em que essa categoria é uma aquisição da lingüística e da semiótica. Tal categoria tem por germe a dualidade [virtual vs real] afirmada por Saussure no quinto capítulo do *Curso de lingüística geral*, relativo à diferença entre as relações paradigmáticas e as relações sintagmáticas: “A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa séria mnemônica virtual” (1996, p. 143). Bem oportunamente, o *Dicionário de Semiótica I* introduz um termo complexo que é ao mesmo tempo *in praesentia* e *in absentia*, o termo “atualizado” (GREIMAS & COURTÉS, 1983, pp. 9-10), o qual caracteriza, no plano figural, a disjunção entre o sujeito e o objeto de valor; no plano figurativo, a privação de um bem. Certamente, estamos diante de uma tríade, mas heterogênea, pois a virtualidade diz respeito ao sistema; a atualização e realização ao processo, sendo a primeira ao processo narrativo e a segunda ao processo lingüístico. Em seguida, esse número foi levado a cinco, em *Semiótica das paixões* (GREIMAS & FONTANILLE, 1993), pois a obra acrescentava, aos três já estabelecidos, a virtualização e a potencialização. Em princípio, essas cinco operações deveriam permitir descrever a circulação, a entrada, a saída, a volta das grandezas no interior do campo de presença, mas esse objetivo não foi atingido imediatamente, parece-nos, por duas razões: foi preciso algum tempo para compreender que a virtualidade e a virtualização, apesar de seu radical comum, não tinham nada a ver uma com a outra; foi preciso algum tempo para tornarem-se claras as relações de pressuposição e discernir os protocolos observados nos discursos (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001; ZILBERBERG, 1997, pp. 65-76).

Nos limites restritos desse trabalho, ficaremos satisfeitos de justificar a distinção entre modos diretores e modos associados. O par diretor é constituído pela alternância entre a

¹⁴ [N.da T.] Em português, o termo bizarro pode também ser traduzido por esquisito ou estranho.

focalização e a *apreensão*¹⁵. A palavra *visée*, que o dicionário *Micro-Robert* define nesses termos: “Ter em vista, esforçar-se para atingir (um resultado). Ele visava esse posto há muito tempo”, subentende o modo de eficiência do conseguir, em virtude do traço imanente/esforço. A focalização se inscreve como mediação entre a atualização e a realização. O caso da apreensão não deixa de se assemelhar ao da focalização, pois designa o estado do sujeito de estado “às voltas com” o sobrevir, em “admiração” cartesiana, em poucas palavras, o estado do sujeito inicialmente espantado, impressionado, depois, dali em diante, marcado pelo “que lhe aconteceu”, estado que corresponde à potencialização, à formação desse mistério: o sobrevir. Assim, a apreensão produz uma “boa” transição entre o sobrevir e a potencialização.

O jogo dos modos de existência, que aparece na dependência dos modos de eficiência, necessita de duas observações. Em primeiro lugar, ele nos faz assistir a um processo intrigante: a emergência, no “oceano” da duração, de um início, de uma novidade: “O que nos toca persiste e se projeta sobre as coisas seguintes. O intenso tem então uma qualidade própria — que é de persistir além da duração de sua causa” (VALÉRY, 1973, p. 1235). Essa persistência está no princípio da continuidade do sujeito de estado. Em segundo lugar, sendo os modos de existência solidários do estado de surpresa do sujeito, devemos dizer, do sujeito espantado que satura de alguma forma o processo, o sujeito apreende e é ele mesmo apreendido por aquilo que o apreende, pois apreender um acontecimento, um sobrevir, é, antes de tudo, e talvez principalmente, ser apreendido pelo sobrevir, termo que emprestamos da análise de Cassirer: “Toda experiência vivida de expressão não é, à primeira vista, senão uma *prova sofrida*, é um ser-apreendido muito mais do que um apreender, e essa ‘receptividade’ contrasta nitidamente com a ‘espontaneidade’, sobre a qual se fundamenta toda consciência de si enquanto tal” (CASSIRER, 1988, pp. 91-2). O alinhamento dos modos de existência apresenta-se assim:

modo de existência →	focalização ↓	apreensão ↓
<i>Diátese</i> ¹⁶ →	voz ativa → agir	voz passiva → suportar
modalidade do sujeito →	sujeito operador	sujeito de estado

¹⁵ [N. da T.] *Visée* e *saisie* em francês foram traduzidos como “foco” e “apreensão”, respectivamente, em *Tensão e significação* do mesmo autor (ZILBERBERG, 2001). Embora nossa preocupação seja conservar a mesma metalinguagem traduzida em obras anteriores, consideramos que o termo “focalizar” apresenta um sentido mais próximo do termo francês *visée*, definido pelo autor na frase seguinte do texto.

¹⁶ Diátese é um termo emprestado da medicina que significa predisposição de um indivíduo para determinadas doenças. A etimologia da palavra composta de *di* (a) *thesis* (grego) significa disposição, estado, condição, ação de colocar, de arranjar.

Enfim, se a potencialização está relacionada à memorização, a virtualização será a figura inversa e correspondente ao esquecimento, que pode ser absoluto ou relativo. Geralmente, é em função da intercessão de outrem que a própria virtualização chega ao campo de presença, mas o sobrevir, através da figura da reminiscência pode, como se lê em Rousseau e em Proust, projetar a reminiscência num campo de presença. A psicanálise freudiana atribui à censura e ao recalque a afetividade da virtualização e a atividade do psicanalista consiste em desfazer as máscaras que a “condensação” e o “deslocamento” colocaram sobre os conteúdos.

Os modos de junção

Consideramos o termo junção em uma acepção distinta daquela admitida no *Dicionário de semiótica I*, no qual a junção designa a “relação que une o sujeito ao objeto, ou seja, a junção constitutiva dos enunciados de estado”. Na perspectiva de nossa pesquisa, o termo se refere à condição de *coesão* pela qual um dado, sistemático ou não, é afirmado. Assim, ele se aproxima da noção de dependência que Hjelmslev estabelece como o núcleo que define a estrutura: “a linguagem [é] essencialmente uma entidade autônoma de dependências internas, em uma palavra, uma estrutura” (1971, p. 28). As estruturas elementares da significação na concepção greimasiana apresentam dois traços inegáveis, aos nossos olhos: 1) elas são tidas como “lógico-semânticas”, o que significa que elas são racionais; 2) elas admitem, em princípio, a possibilidade da complexidade, mas sem explorá-la, e assim, quando o quadrado semiótico é introduzido, favorecem as estruturas antagonistas da contrariedade e da contradição. Hjelmslev, ao contrário, no décimo primeiro capítulo dos *Prolegômenos* que trata das funções, considera a possibilidade de um termo complexo, a “constelação”, que seria, em relação à necessidade que regula a interdependência e a determinação, o caso do *fortuito*.

É a partir de tal tensão que introduzimos a categoria do modo de junção e distinguimos o modo *implicativo* do modo *concessivo*. No caso da implicação, o direito e o fato se respaldam mutuamente. Sua esfera é a da implicação: “se a, então b” e geralmente da causalidade legal. Ela tem como emblema o *porque*¹⁷. No caso da concessão, o direito e o fato estão em discordância um com o outro. A esfera da concessão, segundo os gramáticos, é a da “causalidade inoperante”. Ela tem como emblemas a dupla formada pelo *embora* e o *entretanto*: “embora a, entretanto não b”¹⁸. Sem dúvida, a concessão é menos rara do que supomos e, por exemplo, a definição da estrutura vai além do *quantum* de concessão que ela comporta, pois o termo “dependência” é o centro da definição hjelmsleviana da estrutura, *embora* a noção de “dependência” faça parte da lista dos termos julgados indefiníveis por Hjelmslev. A concessão é duplamente ligada à noção de limite. Do ponto de vista da extensão, ela

¹⁷ [N. da T.] Trata-se da tradução de “*parce que*”, utilizado na resposta de um “*pourquoi*”.

¹⁸ Não b significa tanto a ausência de b quanto o contrário de b.

marca o limite, mas, ao mesmo tempo, deve se limitar a si mesma, senão recriaria, a sua revelia, uma regularidade que ela vem abalar.

Estrutura do acontecimento

Como se pode perceber, em nossa abordagem, o acontecimento é um sincretismo compreensível como interseção dos três modos seguintes: o sobrevir para o modo de eficiência; a apreensão para o modo de existência; a concessão para o modo de junção. O sincretismo pode ser recebido de duas maneiras: como um fato ou como uma concordância, na acepção gramatical do termo, uma adequação entre categorias. No estudo intitulado *Essai d'une théorie des morphèmes*, Hjelmslev admite que entre as categorias possa se exercer uma "certa afinidade":

Dessa forma, sem que haja conformidade absoluta entre as categorias que acabamos de estabelecer e certas categorias nocionais, existe, entretanto, uma certa afinidade, que faz com que uma categoria nocional se preste a ser formada em uma dada categoria morfológica familiar e que se possa prever um resultado ótimo, no qual essa afinidade resulte em uma harmonia absoluta entre forma e substância. (1971, p. 170)

É o momento de formularmos a seguinte questão: se uma dada categoria, nesse caso o acontecimento, se apresenta como uma integração de modos que por si mesmos são oferecidos em alternância, qual seria o correlato que corresponderia à integração do conseguir como modo de eficiência, da focalização como modo de existência, e enfim da implicação como modo de junção? Várias respostas podem ser consideradas. Para a semiótica greimasiana, a resposta seria a noção de *estado*, na qualidade de sincretismo do conseguir, da focalização da permanência, enfim, da implicação na qualidade de consolidação. Um fragmento dos *Ecrits* de Saussure, infelizmente não acompanhado de discussão, propõe a distinção [acontecimento vs estado], que recordamos:

Parece que só em lingüística existe uma distinção sem a qual os fatos não seriam compreendidos em nenhum grau [...]. Como é em lingüística a distinção entre estado e acontecimento, pois podemos nos perguntar se essa distinção, uma vez reconhecida e compreendida, ainda permite a unidade da lingüística... (SAUSSURE, 2002, p. 233)

Uma segunda possibilidade existe a partir da leitura dos *Cahiers* de Valéry. O termo "acontecimento" é pouco representado no índice dos *Cahiers* e muitas vezes desqualificado.¹⁹ Num fragmento reflexivo, lemos: "Eu. Observo mais uma vez que as coisas humanas me interessam tanto menos quanto mais se afastam da vida comum e se impõem por *acontecimento*, não por *funcionamentos*" (grifos do autor, 1973, p. 186). Portanto, Valéry nos propõe a dupla: acontecimento vs funcionamento.

¹⁹ Em um fragmento, datado de 1917-8, lê-se: "Os acontecimentos são espuma das coisas" (1974, p. 1383).

Existe uma terceira possibilidade que emprestamos das análises magistrais, sem igual, talvez inigualáveis, da pintura holandesa feitas por Claudel. Lê-se:

Quero dizer que eles [os quadros] não constituem simplesmente uma presença, eles a exercem. Através deles, uma solidariedade eficaz se estabelece entre nós e esse mundo que está por trás, lá longe abandonado pelo sol. Trazemos conosco bastante passado para amalgamá-lo ao deles, e o modo como temos que nos bastar a nossa própria existência não é estranho a essa utilização da duração, a essa consolidação do rosto pela expressão que os habita na persistência. (1973, p. 184)

As naturezas mortas e sobretudo os retratos pertencem ao “exercício”, ou seja, ao conseguir e à lentidão que pertencem à focalização: “... sentimos [...] a plenitude de uma alma que se endereça à nossa e que a incita ao diálogo, alguém que oferece seu rosto” (Idem), enfim, à implicação, ou seja, à necessidade.

Recolhemos três termos possíveis: o “estado”, o “funcionamento”, o “exercício”. Qual escolher? De forma apenas intuitiva, admitimos que, dos três, o belo termo “exercício” está mais próximo do *agir* que os dois outros. O termo “estado” é muito pouco dinâmico, mesmo se evocarmos um fazer considerado “estativo”²⁰, e o termo “funcionamento” é muito organicista. Dito isso, o “exercício” e o “acontecimento” apresentam-se como integrações concordantes de três modos reconhecidos:

<i>determinados</i> → <i>determinantes</i> ↓	o exercício ↓	o acontecimento ↓
modo de eficiência →	conseguir	sobrevir
modo de existência →	focalização	apreensão
modo de junção →	implicação	concessão

Conclusão

A essas duas integrações categoriais, o exercício e o acontecimento, correspondem duas grandes orientações discursivas: o discurso do exercício e o discurso do aconteci-

²⁰ Esse termo é empregado no sentido de estático, que pressupõe um estado permanente, uma idéia de duração. “Grande” é um adjetivo estativo, “embriagado” é não-estativo. Os verbos estativos excluem toda progressão entre seu término *a quo* e seu término *ad quem*.

mento. Apenas por comodidade de nossa explanação, associamos o discurso histórico ao discurso do exercício, tal como é corrente na tradição dita ocidental, e o discurso dito mítico ao discurso do acontecimento. Assim entendido, em razão do “desencantamento do mundo”, de Max Weber, o discurso mítico estaria perdendo terreno, afirma o autor:

O selvagem sabe como fazer para encontrar sua alimentação diária e quais instituições lhe servem para isso. A intelectualização e a racionalização crescentes não significam portanto o conhecimento geral cada vez maior das condições de vida nas quais nos encontramos. Mas significam algo diferente: o fato de saber ou crer que pelo simples querer, em todo momento se possa adquirir o conhecimento, que não há portanto, em princípio, nenhum poder misterioso e imprevisível a ser atribuído e que podemos muito bem dominar tudo (em princípio) pelo cálculo. Mas isso significa o desencantamento do mundo. Não teremos mais que recorrer aos meios mágicos para dominar os espíritos ou para sollicitá-los. (2003, p. 83-84)

Mas, segundo F. Jullien, bem parece que o acontecimento magnetiza nossos afetos e, conseqüentemente, os nossos pensamentos:

É por isso que me pergunto se, a esse respeito, a cultura européia não poderia ser definida em sua totalidade como uma cultura do acontecimento. Pela ruptura que produz e todo o imprevisto que instaura, pelo que permite de concentração, por conseguinte, de tensão e portanto também de *pathos*, o acontecimento conserva um prestígio ao qual a cultura européia jamais renunciou. Jamais pôde renunciar, porque ela encontra-se apaixonadamente (passionalmente) presa ao caráter fascinante, inspirador do acontecimento. (JULLIEN, 2001, p. 88)

Por outro lado, o discurso histórico que tradicionalmente tinha por objeto — na perspectiva dos acontecimentos — o jogo dos efeitos e das causas, o jogo dos fins e dos resultados tende a afastar-se da “espuma dos acontecimentos”, para interessar-se pela minúcia dos exercícios e dos funcionamentos, deixando assim um espaço vazio, disponível para o discurso dito mítico. Do mesmo modo, certos pensadores, especialmente Foucault em *De l'ordre du discours*, reclamaram que se desse ao acontecimento a mesma consideração que a tradição e o consenso dos historiadores atribuíram até hoje ao determinismo: “precisamos aceitar a introdução do aleatório como categoria na produção dos acontecimentos. Nesse caso ainda se faz sentir a ausência de uma teoria que permita pensar as relações do acaso e do pensamento” (FOUCAULT, 1976, p. 61). Hannah Arendt vai ainda mais longe, ao convidar-nos a redirecionar a história a partir da categoria do acontecimento, em uma palavra, a atribuir à história sua dimensão intrinsecamente mítica, no limite: *miraculosa*. Em seu livro, *Condition de l'homme moderne*, não escreve assim:

Esse caráter de inesperado, de surpresa é inerente a todos os começos, a todas as origens. Assim, a origem da vida na matéria é uma improbabilidade infinita de processos inorgânicos; como a origem da terra no ponto de vista dos processos do universo ou a

evolução do homem a partir da vida animal. O novo tem sempre contra si as chances esmagadoras das leis estatísticas e de sua probabilidade que, praticamente, nas circunstâncias comuns, equivale a uma certeza; o novo aparece então sempre como um milagre. (ARENDDT, 2005, p. 234)

A alternância discursiva obtida se junta à problemática da fidedignidade e de sua partilha em regimes fiduciários distintos. Essa partilha não é do tipo [presença vs ausência], aqui projetando um discurso dirigido por uma fidedignidade bem identificada, lá, um discurso que seria isento de todo investimento fiduciário, mas, ao contrário, do tipo de partilha entre dois regimes fiduciários diferentes, dos quais os três modos que reconhecemos seriam, ainda uma vez salvo melhor juízo, os pressupostos plausíveis. Sob tal consideração, a modalidade do *crer é*, sobretudo, uma metamodalidade que não apenas dirige as outras modalidades, mas que pode afetar-se a si mesma, pois aquele que *crê crê*, pelo menos, que o verbo *crer* tem um sentido...²¹

Referências

- ARENDDT, Hannah (2004). *Condition de l'homme moderne*. Trad. do inglês: Georges Fradier. Paris: Pocket.
- BACHELARD, Gaston (1993). *La dialectique de la durée*. Paris: PUF.
- BAUDELAIRE, Charles (1954). *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, coll. La Pléiade.
- CASSIRER, Ernst (1986). *La philosophie des formes symboliques*. Tome 2. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____ (1988). *La philosophie des formes symboliques*. Tome 3. Paris: Les Éditions de Minuit.
- CLAUDEL, Paul (1973). *Œuvres en prose*. Paris: Gallimard, Coll. La Pléiade.
- DESCARTES, René (1991). *Les Passions de l'âme*. Paris: Vrin.
- ESPINOZA, Bento de (1955). Lettre à Schuller. In: *Œuvres*. Tome 4. Paris: Garnier-Flammarion.
- FONTANILLE, Jacques & ZILBERBERG, Claude (2001). *Tensão e significação*. (Trad. de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas.) São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas.
- FOUCAULT, Michel (1976). *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (1983). *Dicionário de semiótica*. Trad. de Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Cultrix (s/d).
- _____ & FONTANILLE, Jacques (1993). *Semiótica das paixões*. (Trad. de Maria José Rodrigues Coracini.) São Paulo: Ática.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. (Trad. de Ana Cláudia de Oliveira.) São Paulo: Hacker Editores, 2002.

²¹ Este estudo é um complemento do quarto capítulo de nosso ensaio "Élément de grammaire tensiva" (ZILBERBERG, 2006), e do quinto capítulo do ensaio "Précis de grammaire tensiva" (Idem, 2002), este último traduzido por Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit, sob o título "Síntese da gramática tensiva", a ser publicado.

HJELMSLEV, Louis (1966). *Le langage*. Paris: Les Éditions de Minuit.

_____ (1971). *Essais linguistiques*. Paris: Les Éditions de Minuit.

_____ (2003). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. (Trad. de J. Teixeira Coelho Netto.) 2. ed., São Paulo: Perspectiva.

JULLIEN, François (2001). *Du temps – Éléments d'une philosophie du vivre*. Paris: Grasset – Le collège de philosophie.

MERLEAU-PONTY, Maurice (1999). *La prose du monde*. Paris: Tel-Gallimard.

PARRET, Herman. *Réflexions saussuriennes sur le temps et le moi. Les manuscrits de la Houghton Library à Harvard*. In: Cahiers Ferdinand Saussure. Genève: Droz, pp. 1995-6.

SAUSSURE, Ferdinand de (1996). *Curso de lingüística geral*. (Trad. de Antônio Chelini et all.) 25ª ed., São Paulo: Cultrix.

_____ (2002). *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard.

VALÉRY, Paul (1973). *Cahiers*. Tomo 1. Paris: Gallimard - Coll. La Pléiade.

_____ (1974). *Cahiers*. Tomo 2. Paris: Gallimard - Coll. La Pléiade.

WEBER, Max (2003). *Le savant et le politique*. Paris: La Découverte-Poche.

ZILBERBERG, Claude (1997). Essai de description figurale des états subjectifs. In: OUELLET, Pierre. *Action, passion, cognition d'après A. J. Greimas*. Québec: Nuit Blanche Editeur/ Pulim.

_____ (2002). Précis de grammaire tensiva. In: *Tangence*, n. 70, pp. 111-43. Rimouski: Canadá. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/tce/2002/v/n70/index.html>>.

_____ (2006). Éléments de grammaire tensiva. *Nouveaux Actes Sémiotiques*. Limoges: Pulim.

CLAUDE ZILBERBERG é co-responsável pelo Seminário Intersémiotique de Paris, vinculado ao Centre National de Recherche Scientifique (CNRS) e à École des Hautes Études en Sciences Sociales, Universidade de Paris IV (Sorbonne). Foi aluno e colaborador de Algirdas Julien Greimas, participando de seu Seminário desde a fundação. Enfatizando a questão do afeto, expresso no andamento, tonicidade, tempo e espaço do discurso, estabeleceu os princípios da gramática tensiva. Professor convidado em várias universidades, vem difundindo sua teoria, dirige revistas e publica livros e artigos que beiram a centena. Dentre suas obras, citamos: *Raison et poétique du sens* (1988); *Tension et signification* (com J. Fontanille, 1998, traduzido no Brasil em 2001, no Peru, 2004); *Semiotica tensiva y formas de vida* (México, 1999); *Ensayos sobre semiotica tensiva* (Peru, 2001); *Éléments de grammaire tensiva* (2006).

Zilberberg.claude@numericable.fr

www.claudezilberberg.net

Artigo recebido em 30 de janeiro de 2007 e
aprovado em 16 de junho de 2007